

PROFETAS CRENTES E CREDÍVEIS

“Que faz um pintor que queira fielmente retratar na tela qualquer pessoa amada? Mantém sempre os olhos sobre aquela pessoa, para não fazer nenhum traço (pincelada) que não se preste à forma original. De certa maneira, assim demos fazer também nós. É necessário que todos os nossos pensamentos, que todas as nossas palavras, que todas as nossas ações, que todos os nossos desejos, que todas as nossas disposições, que todos as nossas aflições, sejam como verdadeiros traços (pinceladas), que formem e expressem em nós qualquer traço da vida de Jesus Cristo” (Bem-aventurado J. B. Scalabrini).

Caros coirmãos,

Passados mais de dois anos do início de meu mandato de superior geral da nossa Família religiosa, sinto o desejo de fazer-vos participantes de algumas reflexões que me acompanharam em todo esse tempo, e que tomaram maior consistência com meu progressivo maior conhecimento da realidade scalabriniana no mundo. O conteúdo desta carta está ligado, e entende desenvolver, aquilo que nos vem proposto neste “Ano da Vida Consagrada”, que o Papa Francisco lançou no dia 29 de novembro de 2014.

- O por quê desta carta

Quer ser uma contribuição à reflexão pessoal e comunitária sobre nosso ser de pessoas consagradas ao Senhor, no serviço apostólico com e pelos migrantes. Naturalmente, não pretende debruçar-se sobre todos os âmbitos da vida religiosa e da atividade pastoral.

- Um olhar de esperança

Em meio a tantos desafios, incógnitas, problemáticas e às inevitáveis fragilidades que fazem parte de nossa vida, parece-me justo e mesmo um dever evidenciar os horizontes nos quais se está movendo a nossa Família religiosa. O desenvolver-se da vida cotidiana em nossas comunidades e missões, nos nossos seminários, nos nossos centros de pesquisa e de aprofundamento, o silencioso e laborioso testemunho da maior parte dos coirmãos, me levam a tomar conhecimento que o bem que fazem é de longe superior às manifestações de egoísmo, de preguiça e de contratestemunho. A “tremenda atualidade” das migrações e a exemplaridade de tantas de nossas intuições e iniciativas pastorais colocam a nossa Congregação no coração da Igreja, e no coração de tantas encruzilhadas internacionais nas quais se decide a sorte de tantos migrantes. A beleza da nossa Congregação, nas suas múltiplas faces, a apreciação da qual ela goza no interior da Igreja, que reconhece e aprecia o trabalho, o zelo missionário e a bondade de tantos coirmãos; a atualidade do carisma scalabriniano, no qual escolhemos apostar a nossa vida, não podem por certo serem escurecidas por qualquer situação de indignidade ou fraqueza. O testemunho de tantos coirmãos, que generosamente gastaram a vida no serviço aos migrantes e que agora vivem a sua missionariedade na dimensão do repouso das fadigas apostólicas e na oração, assegura um precioso e insubstituível sustento à nossa ação pastoral. Uma ulterior confirmação disso é a dimensão de esperança da qual o espírito nos faz dom com o incremento de forças jovens e novas, provenientes de novas culturas: estes jovens coirmãos são uma graça e um recurso, mas representam também um desafio, aos quais, em grande

parte, estará ligado o futuro da nossa Família religiosa, a autenticidade e a fidelidade ao carisma e o desenvolvimento das intuições daquele extraordinário hpmem de Deus e da Igreja que foi o nosso Fundador.

- Profetas

Fazendo nossas as previdentes palavras de Paulo VI – “O homem contemporâneo escuta mais facilmente os testemunhos que os mestres, ou se escuta os mestres o faz porque são testemunhos”¹ – todos, creio, fomos de alguma maneira tocados, fascinados e envolvidos por aquilo que vimos e sentimos quando nos “encontramos”, sem dúvida em modalidades e tempos diferentes para cada um, com a figura de Scalabrini. O Espírito de Deus abriu os seus olhos para que visse, o seu coração para que sentisse compaixão, a sua mente para que refletisse e providenciasse, as suas forças para que atualizasse aquilo que, pouco a pouco, vinha tomando viva consistência nele. Apaixonado por Deus, vinzinho a Ele, a partir d’Ele, pode gozar e usufruir de uma alta e ampla visão das coisas. Assim, Scalabrini é “profeta”, “voz de Deus”. Assim, diversos missionários nossos, tanto no passado quanto no presente, são verdadeiramente dignos de ser tidos como “heróis e santos”: figuras que deram a vida por Cristo e pelos migrantes. Estes são os testemunhos e os profetas que falaram ao nosso coração e são considerados por nós credíveis, a ponto de fazer nascer em nós o desejo de seguir-lhes, de imitá-los, de inserir-se no sulco da sua missioriedade e santidade.

O dom carismático, suscitado pelo Espírito de Deus em Scalabrini, é o mesmo que motivou tantos de nossos coirmãos que, desde logo, fazem parte da Igreja celeste; é o mesmo carisma que um dia interpelou e chamou também a nós. Nós estamos inseridos nesse “fluxo” no qual o Espírito continua a envolver e a chamar gente de boa vontade, homens e mulheres, a gastar a vida pela glória de Deus e o bem dos migrantes.

Profecia e credibilidade têm uma clara raiz: a fé no Senhor. Tanto para Scalabrini quanto para os nossos missionários, foi uma fé forte, cultivada na fidelidade e perseverança, a sustentar o testemunho; uma fé alimentada pela Palavra e pela oração, por escolhas coerentes, mesmo a custo de grandes sacrifícios e renúncias pessoais. A fé, enfim, em sua dinâmica, percorre a realidade do amor. Não pode existir um amor feito somente de boas intenções ou de bons propósitos. A fé, como o amor, nutre-se de tempos, de escolhas, de espaços, de atenção permanente e muito concreta. De outra forma, morre.

- Conhecer para amar

O primeiro e insubstituível caminho para amar é conhecer: “só se pode amar aquilo que se conhece” (Santo Agostinho). Aqui tocamos um argumento que pode parecer de importância secundária. Ao invés, é uma das chaves que permitirão à nossa Família religiosa continuar a própria missão com fidelidade e unidade: o conhecimento do Fundador. No que diz respeito a isso, talvez alguém vive ainda somente daquilo que ouviu ou leu durante o noviciado! Eu em primeiro lugar sinto a necessidade – e o reconhecimento – de dever conhecer melhor o Fundador: a sua vida, a sua espiritualidade, as suas obras, as suas intuições, o seu coração. Dirijo a todos um cuidadoso convite a servir-se dos numerosos instrumentos à nossa disposição, os quais nos possam ajudar a conhecer, amar e imitar, da melhor maneira, o nosso Fundador: será esse o cimento que manterá unida a nossa Congregação nos anos futuros; será esta a motivação cenral que garantirá a passagem autêntica do

¹ Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*, n° 41

carisma fundacional às novas culturas e etnias que, pela graça de Deus, trazem nova vitalidade e energia à nossa Família religiosa.

- Crentes e credíveis

“Eu sou a verdadeira vinha e meu Pai é o agricultor... permaneci em mim e eu em vós. Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanece unido à vinha, assim também vós se não permanecerdes em mim... Quem permanece em mim e eu nele, dá muito fruto, porque sem mim nada podeis fazer” (Gv 15,1-6). Jesus é de uma clareza desarmante: se não permanecéis em mim, não só não podereis dar fruto, mas além disso nada podereis concluir! Creio que mais de uma vez na vida tenha ocorrido a todos a ilusão de “dar fruto”, minimizando a importância ou até mesmo prescindindo da relação com o Senhor. O resultado, provavelmente, foi o de “falar de si mesmo” (se tanto), com os olhos voltados sobre si mesmo, preocupados de salvaguardar a si mesmo e os próprios horizontes limitados, a longo prazo certamente pouco significativos.

O esgotamento da relação profunda e constante com o Senhor é a primeira causa das chamadas “crises” vocacionais, sacerdotais e religiosas. A pessoa perde, além do sentido de orientação da própria vida, também o sentido profundo de si mesmo. Não existe mais a terra sob os pés e, um pouco por vez, tudo vem abaixo. Tornam-se debilitadas as bases sobre as quais é construída a vida, as relações, os projetos, e assim, com o passar do tempo, se conduz uma vida decisivamente cansada, insignificante, insuportável mesmo para si mesmo, e se decide de acabar com tudo; ou então, nos matenmos num equilíbrio precário, sobre uma espécie de “corda bamba”, que vai da superficialidade ao contratemunho, da indiferença à agressividade, da preguiça à manifesta hipocrisia. Sim, infelizmente é possível ser padres e religiosos mesmo sem fé! Mas existe uma terceira possibilidade: o retorno humilde mas sentido à casa do Pai. É um percurso laborioso, mas possível a todos, ao alcance de todos. Através da sua Palavra – sempre nova, sempre interpeladora, sempre atual, sempre verdadeira, sempre portadora de Vida, sempre eficaz, sempre estimulante, sempre positiva, sempre atenta ao homem, sempre a favor do homem – até mesmo o desertor volta a florir.

Somente vivendo ao lado do Senhor, e sustentados por Ele, podemos nos tornar credíveis. A credibilidade abre as portas e confere eficácia ao nosso falar e ao nosso agir. De outro lado, a credibilidade ganha vida e consistência quando o nosso falar está em sintonia com nossas opções concretas no cotidiano. Se em verdade estamos conscientes que Deus nos confia a sua Palavra, o seu próprio Corpo, a tarefa que nos foi confiada é tremendamente grande e empenhativa. Não podemos permitir-nos “trair” a sua Palavra “pregando bem” e “vivendo” em contraste com aquilo que pregamos. Não é possível banalizar a Eucaristia, passando-lhe por cima com superficialidade, quando vivenciamos relações interpessoais com rancor. Um coirmão dizia: “se nós sacerdotes colocássemos em prática um terço daquilo que dizemos aos fiéis nas nossas pregações, seríamos as pessoas mais santas e credíveis da terra...”. Infelizmente a nossa credibilidade – pessoal e comunitária – encontra-se frequentemente em estridente contraste com as nossas “pregações” e nossas liturgias.

- Um olhar à nossa vida consagrada.

“... Também nós somos filhos do nosso tempo”. A realidade da Vida Consagrada se insere de cheio nas dinâmicas desta nossa sociedade pósmoderna. Aqui não é o caso de fazer uma análise da situação, mas é suficiente tomar conhecimento que a chamada “sociedade líquida” contemporânea está atingindo profundamente também nós religiosos, que corremos o risco de

reduzir-nos, a não ser mais “sal da terra e luz do mundo”, e de resultar não só “insignificantes” mas até mesmo “inúteis”. Assim, o sentido peculiar da Vida Consagrada, como “sinal que antecipa o Reino”, afana-se na esperança de um recomeço que parece jamais chegar. Ondas de pessimismo por vezes espreitam furtivamente mesmo sobre nossos “espaços”. O Papa Francisco, na carta aos Religiosos, escrita justamente por ocasião da abertura do Ano da Vida Consagrada, convida com força a “abraçar o futuro com esperança”, porque a “fantasia da caridade não conhece limites e tem necessidade de entusiasmo para levar o sopro do Evangelho nas culturas e nos mais diversos âmbos sociais. Saber transmitir a alegria e a felicidade da fé vivida na comunidade, de fato, faz crescer a Igreja pela capacidade de atração”. Somos convidados, então, a reapropriar-nos daquelas motivações de fundo que, bem determinados, nos fizeram abraçar a vida religiosa, sobretudo o primado de Deus em Jesus Cristo, em torno disso e a partir disso, somos convidados a redescobrir a maravilhosa figura de Scalabrini, mais vivo que nunca na Igreja e nos apelos dramáticos do mundo migrante.

Apressemos-nos com seriedade e boa vontade, sem contínuas lamentações, a construir nossas comunidades, que são o fruto do “esforço conjunto de nossas mãos”! Come disse ainda o Papa Francisco, não se trata de manter vivas vãs utopias, mas de criar “outros lugares”, nos quais se viva a lógica evangélica do don, da fraternidade, da diversidade, do amor recíproco.

- Um olhar aos votos

Seja-me concedida, agora, uma reflexão sobre o sentido dos votos que professamos. Também aqui não é meu intento desenvolver um tratado, mas simplesmente sublinhar alguns aspectos que, a meu ver, corremos o risco de deixar em segundo plano.

A obediência, creio, é o fundamento de toda vida consagrada. Esta afirmação encontra respaldo no fato que o mistério da nossa salvação passou através da obediência de Jesus ao Pai. Ousarei dizer que o fato da pobreza e da castidade de Jesus não constituíram um fator determinante da salvação: Jesus nos redimiu fazendo-se obediente. O que quer que se diga, se não se entra nesta lógica, grande parte da vida consagrada torna-se incompreensível. Obediência ao Senhor numa vida feita de escuta da sua Palavra, escuta que conduz à verdade; obediência à Igreja, mãe que oferece uma paternidade e uma maternidade capazes de regenerar vida e vida cristã; obediência à comunidade na prática do discernimento, sabendo que no final um superior tomará uma decisão que seguramente não resultará agradável a todos, mas à qual, no fim das contas, todos estão vinculados. Obediência à vida no gosto pela busca da serenidade, da laboriosidade, da verdade. A “verdade” vai além da sinceridade pessoal, que pode exprimir um verdade subjetiva e parcial, enquanto a verdade faz referência a um critério de medida que tem um nome, e se chama Jesus. Este metro nos ajuda a não viver a dimensão da liberdade de maneira equivocada; tal dimensão não pode ser confundida com “aquilo que eu gosto”, e portanto com uma autoreferência. A liberdade reside, antes, num aprendizado em direção àquilo que ajuda cada um a crescer, em direção àquilo que lhe faz bem.

A pobreza: “Onde está o teu tesouro, ali estará também o teu coração” (Mt 6,21). E, se o coração está vazio, reclama com força para ser preenchido. De quê? Em geral, começa-se a preenchê-lo de coisas, de “coisas mais ou menos escondidas”... che jamais bastam, até que nos tornamos escravos, adotando as motivações que são necessárias para a eficácia de nossas atividades. Com tal pretexto, não raro, mascaramos a busca daquilo que não nos é necessário, dando seguimento a um estilo de vida e de hábitos típico do “mundo”. Lentamente tornamo-nos, uma vez mais, insignificantes *ad extra* e infelizes *ad intra*. A história se repete e nos recorda que foi sempre a riqueza, e não a pobreza, a fazer mal à Igreja.

A castidade: Inclusive as pessoas às vezes podem servir para “preencher um coração vazio”. O

mundo das relações afetivas é o termômetro que mede em profundidade a nossa vida. Retomo aqui aquilo que disse na Assembleia da Região Europa/África no mês de setembro/2014: “Estamos cientes que o ‘coração’ dita leis ao nosso modo de viver. Estamos bem conscientes que quando o coração não é corretamente ‘preenchido’, ele mesmo – o coração – buscará qualquer coisa que o satisfaça. Em geral, a ‘descida’ da corrida – que leva a resultados não desejados, mas com certeza previsíveis – começa frequentemente com pequenas concepções e ‘coisas que damos por descontadas’ sobre a própria fidelidade aos compromissos; se aproveita da incapacidade dos coirmãos em compreender; progressivamente chega a justificar qualquer coisa, com a desculpa da própria maturidade e autonomia de juízo; e antes ou depois vem o momento no qual se deixa tudo, ou se é levado a uma vida dupla, pagando um preço imenso. O voto de castidade comporta inclusive a escolha de uma certa ‘solidão’ (com a qual devemos aprender a viver de maneira serena), que requer também a renúncia a conviver com uma outra pessoa, um ‘tu concreto’, o tempo, a casa, os projetos, o dinheiro, o próprio corpo. Não se trata, porém, de tornar o coração ‘aséptico’ e ‘estéril’ até não experimentar mais emoções e afetos. Creio que exista um modo belo, atraente, real, com o qual se possa construir laços autênticos de afeto e de amizade, com o qual o coração pode sentir-se bem. É claro que isso requer prudência, respeito, verdade, liberdade, oração, ‘pureza de coração’, recusa de subterfúgios, ‘porque não existe nada a esconder’”. “A mais autêntica e a mais contemplativa união com Deus não pode conduzir à supressão do coração humano, e este, mesmo quando se doa a todos, não o pode fazer de modo indiferenciado; entra em jogo a atração, o coração terá as suas preferências. A harmonia afetiva, encontrada graças à pessoa preferida, permitirá de ter mais doçura inclusive em dedicar-se a pessoas menos amáveis: poder-se-á viver a dedicação aos outros sem ser por eles esmagados” (P. Jérôme).

- A vida comunitária e a oração autêntica

Uma oração verdadeira (rezar não é equivalente a recitar orações) torna mais “autenticamente humana”, e mais bela a vida comunitária. O olhar dirigido ao Pai deve animar a cotidianidade, e a cotidianidade deve ser levada ao Pai. De outra forma, a lógica “do mundo” (que segue categorias próprias tais como a inveja, a competição, o rancor, o querer se sobrepor aos outros, a insinceridade, o oportunismo de tomar o lugar do outro, o querer fazer tudo sozinho, a maipulação das situações e das pessoas), substitui, pouco a pouco, a lógica do Evangelho. Creio que necessitemos de maior coerência entre aquilo que vivemos na oração e aquilo que vivemos nas outras dimensões da vida.

- Vida consagrada missionária

A nossa Família religiosa “è uma comunidade apostólica de religiosos inserida na atividade Missionária, que Cristo continua na Igreja... O mundo, ao qual somos chamados a anunciar o Mistério da Salvação é o dos migrantes. Para cumprir nossa missão partilhamos com eles da mesma vida e das vicissitudes da migração, a exemplo de Cristo que “por sua encarnação, se ligou ao ambiente social, cultural em que viveu”². No projeto do Fundador, a escolha da vida consagrada está em função de garantir “a eficácia da nossa dedicação ao serviço dos migrantes e a estabilidade do Instituto. De fato, a missão que recebemos da Igreja adquire sentido e é digna de crédito se, ao anunciar a mensagem de Cristo, vivemos em comunhão com Ele e com os irmãos”³. Abraçando a vida dos coirmãos e aquela dos migrantes, a nossa consagração “tende, assim, a tornar-se oração de

² Regole di Vita, n° 1

³ Regole di Vita, n° 9

um povo, que “enquanto peregrina sobre a terra longe do Senhor, considera-se exilado, busca e vida as coisas do alto”⁴. A tensão missionária forma, assim, um conjunto com a nossa consagração e é uma outra frente sobre a qual devemos nos avaliar, e sobretudo devem avaliar-se as novas gerações de coirmãos. “Temos a percepção que, um pouco por vez, esse espírito se debilita. Já o notamos sobretudo nas novas gerações, onde prevalece o desejo de “jogar em casa”, junto ao próprio “mundo afetivo”.

Não se trata simplesmente de “partir para longe”, mas de manter no coração o bem dos “destinatários da nossa missão”, e portanto de manter concretamente e coerentemente o desejo de partir para onde a necessidade é maior, adquirindo, se necessário, uma cultura diversa daquela de origem. Aparece sempre mais evidente uma queda de interesse e de tensão missionária. Tem-se a percepção que, sobretudo os jovens candidatos à missão, sejam pessoas de cabotagem reduzida; seria um desafio de nova vitalidade se estes jovens coirmãos tivessem a coragem de arriscar mais, de propor mais, de estar em primeira linha nos novos desafios migratórios”⁵.

- Sentido de pertença

Quando um dia aderimos a um projeto vocacional (que não faz referência unicamente àquilo que chamamos projeto de Deus sobre a nossa vida) abraçamos também um projeto comunitário que determina um sentido de pertença aos ideais e aos valores mesmos daquela comunidade de pessoas que “a têm em dom”. Por isso, a descoberta e a assunção de um carisma deve transformar-se lentamente em um caminho no qual a pessoa se abre àquilo que lhe é transmitido até fazê-lo tornar-se parte de si. A pessoa reencontra a si mesmo naquela família religiosa específica, no estilo de vida da mesma, no carisma, na espiritualidade, na história de tal instituição, nas relações interpessoais, no modo de viver, nas tradições, na mesma estrutura da casa e das coisas que utiliza: tudo se torna parte da própria vida. Tudo isso cria e motiva o sentido de pertença. Não pode existir vida consagrada sem sentido de pertença à Família religiosa à qual somos ligados. E não se esgota na pretensão de só “receber” da Congregação, mas se explica e se nutre no ato de doar e doar-se. E também neste caso vale a pena reafirmar que o sentido de pertença é feito de coisas e gestos concretos. É feito de interesse, de atenção, de trabalho, de sacrifício, de renúncia, de coragem. Numa palavra, é feito de amor: por Deus, pelas pessoas, pelos ideais, pelas coisas.

- Conclusão

Existe uma expressão da segunda carta de Pedro que, desde quando percebi melhor o significado, me fez e me faz pensar muito: “*cada um é escravo daquele que o vence*” (2Pt, 2,19). O apóstolo Pedro reafirma uma lei natural: na vida de cada pessoa – diretamente ou indiretamente, consciente ou inconscientemente, antes ou depois – alguém ou alguma coisa tomará o primeiro lugar nas decisões. E esse alguém ou alguma coisa de fato é o nosso “patrão”, e nós nos tornamos “seus escravos”. Ainda que estas expressões não correspondam ao nosso modo de sentir, e não estejamos de acordo sobre elas, a realidade é esta. Na vida, todos “nos vendemos”. O problema é: “a quem”? Creio que valha a pena “vender-se a quem paga melhor”: e creio que seja fácil intuir quem seja!

Na esperança que cada um de nós saiba viver em plenitude aquilo que aprendeu quando optou por consagrar-se ao Senhor para melhor servir aos migrantes, desejo todo bem, incentivo a olhar para a frente com confiança, a refletir sobre o bem já amplamente presente e operante entre

⁴ Idem, n° 10

⁵ Relazione Assemblea Regione Europa/Africa, Brescia, settembre 2014

nós, a não permitir que a pequena mas indispensável luz de cada um se apague nas trevas, a empreender cada esforço para ser profetas, crentes e credíveis, para poder um dia degustar plenamente a doce presença do Senhor Jesus.

Confio a ressonância operativa destas palavras, ainda que num pequeno espaço do vosso coração, à intercessão da Bem-aventurada Virgem Maria e do nosso amado Fundador Dom Scalabrini.

p. Alessandro Gazzola cs